

## A temática da fronteira na historiografia brasileira

Henrique Manoel Silva

*Departamento de Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá-Paraná, Brazil. e-mail: henrique@cybertelecom.com.br*

**RESUMO.** Este artigo pretende tecer algumas considerações sobre o papel e a influência da fronteira na formação do caráter nacional brasileiro, a partir de três variantes da historiografia brasileira dos anos 30 e 40, tendo como referência comparativa o clássico trabalho de Frederick Jackson Turner sobre a fronteira americana.

**Palavras-chave:** fronteira, caráter nacional, formação.

**ABSTRACT. The frontier theme in Brazilian historiography.** This article intends to comment on the role and influence of the frontier on the formation of Brazilian national character, based on three variants of Brazilian historiography of the 30s and 40s, having Frederick Jackson Turner's classic on the American frontier as reference.

**Key words:** frontier, national character, formation.

A perspectiva de um estudo sobre a fronteira a partir da temática suscitada pela historiografia americana do final do século XIX, cuja mais expressiva referência tem sido a obra de Turner (1920), não se fundamenta num esforço de querer aplicar seus pressupostos à realidade brasileira, mas de usá-lo como ponto de partida para comparação.

A temática da fronteira no Brasil, assim como na experiência americana, tem-se constituído num mote de ligação com estudos sobre o caráter e a identidade nacional, os quais buscaram compreender os elementos condicionantes da formação nacional e, sob certos aspectos, justificar as configurações político-ideológicas do presente.

Embora essas questões sejam controversas, elas suscitaram trabalhos importantes de historiadores brasileiros, dentre os quais Oliveira Vianna, Viana Moog e Sérgio Buarque de Holanda. Entre esses trabalhos, escolhemos para estudo "Populações Meridionais" de Oliveira Vianna, "Bandeirantes e Pioneiros" de Viana Moog e dois trabalhos de Sérgio Buarque: "Monções" e "Caminhos e Fronteiras", escritos a partir das reflexões desenvolvidas em "Raízes do Brasil", de 1936. Essa escolha decorreu não apenas da relevância dessas obras, que em suas características gerais são bastante diferentes entre si, mas pelo fato de elas terem se convertido em marco historiográfico para estudos que, direta ou indiretamente, envolveram o tema fronteira, e pelas

possíveis implicações que possam ter com a formação do caráter nacional.

O interesse pela temática fronteira, no Brasil, assim como nos Estados Unidos, desencadeou uma série de estudos acerca da formação nacional, tanto em seus aspectos econômicos e sociais como naqueles constitutivos do caráter nacional. Tanto num caso como no outro os debates acerca da influência e do papel da fronteira na formação nacional estiveram marcados pela contextualização política e ideológica das conjunturas em que esses debates afloraram, que, no caso brasileiro, coincidiram com o estabelecimento do Estado Novo.

### A perspectiva agrarista em Oliveira Vianna

Tentar caracterizar a obra de Oliveira Vianna a partir de uma única perspectiva de análise se mostra uma tarefa difícil, diante do fato de que toda grande obra, mesmo que conhecida em sua totalidade, revela descontinuidades e, muitas vezes, contradições marcantes e, às vezes, mudanças radicais em sua trajetória.

Vianna se insere no grupo significativo daqueles autores que tentaram pensar os problemas brasileiros e a necessidade de seu desenvolvimento tendo como ponto de partida o estudo da nossa formação histórica, voltando-se para isso ao estudo particular do Estado colonial e da dinâmica de sua relação com

a sociedade, mais precisamente aquilo que denominaria clã rural.

Embora não se configurando como trabalho fundamentalmente historiográfico, Vianna, em “Populações Meridionais”, funde, de um modo muito interessante, uma narrativa histórica com categorias de análise da Antropologia e da Sociologia positiva, sob certos aspectos influenciado pelas idéias de Lapouge, Gobineau e Buckle, além, é claro, de Augusto Comte e Emile Durkheim, influência esta bastante marcante entre os pensadores brasileiros do final do século XIX até a década de 30 deste século.

Seu objetivo maior nesse trabalho foi o de identificar uma espécie de *ethos* dominante do caráter nacional, evocando a preponderância da aristocracia rural desde o período colonial sobre o conjunto da população brasileira, descrevendo suas propriedades básicas e os aspectos por ele apontados como explicativos das nossas virtudes e mazelas.

Em “Populações Meridionais” ele encontrou, nas vastidões do interior brasileiro, em especial entre os matutos paulistas, um sentido peculiar de nossa formação, diferente do tipo gaúcho e sertanejo, livre das ameaças exteriores e, de certo modo, do controle político lusitano.

Justamente nessa saga mitificada dos paulistas, em meio a uma situação absolutamente ímpar, onde as características do meio condicionaram e propiciaram uma formação social e psicológica realmente distintas, pôde, assim neste cadinho, desenvolver-se nosso verdadeiro caráter.

Segundo Vianna, foi no isolamento solitário daquelas populações interioranas do centro sul, separadas da costa pela muralha atlântica e, portanto, livres das vicissitudes e dos controles da coroa e longe das constantes ameaças dos espanhóis, que exigiam das populações sulinas a constante mobilização e objeção à presença do Estado, que se organizou uma sociedade baseada no *clã rural*. Para ele, essa instituição nascia das circunstâncias brasileiras, quando esse tipo de estrutura já se encontrava decadente em Portugal.

Essa nova ordem era específica e surgira das condições do regionalismo econômico e da distância e debilidade da autoridade política central, que não poderia sobremodo socorrê-la em suas necessidades e carências, condicionando essas populações à resignação de seu isolamento. A observação desse tipo particular forneceu subsídios para a análise do Estado brasileiro, principalmente em sua configuração já no terceiro e quarto séculos.

As dimensões geográficas e as condições específicas regionais condicionaram formas

adaptativas e particulares à presença do estado luso e depois brasileiro. Embora existissem estrutura e aparato comuns deste estado para o conjunto das províncias, na prática sua política era fragmentária e dispersa, a depender sempre da dinâmica local, sem, contudo, amalgamar algum tipo de solidariedade orgânica<sup>1</sup>.

Para Vianna, a entrada no clã foi a maneira encontrada pelos despossuídos para se protegerem de outros potentados ou dos desmandos e excessos dos funcionários reais e municipais e, às vezes, das ameaças dos silvícolas da fronteira. Essas condições, como mencionamos acima, foram fundamentais para a estruturação, segundo Vianna, das matrizes da nacionalidade, naqueles recônditos interioranos do oeste brasileiro.

Ao empreender uma busca da nossa formação ou do momento fundamental de construção da sociedade brasileira, a partir do processo de colonização, atendo-se ao estudo da tradição rural, do latifúndio e do ruralismo ou agrarismo para, enfim, chegar ao espírito ou à essência pré-capitalista ou cordial do nosso traço sociocultural, Vianna mergulhou nas vastidões das fronteiras interioranas, como o fez posteriormente Sérgio Buarque, embora este o tenha feito de uma maneira mais completa.

### Estudos históricos e conseqüências políticas

Para se ter uma percepção mais ampla da obra de Vianna, não se pode desvinculá-la das questões maiores que acoavam seu pensamento, nem tampouco das suas vinculações político-ideológicas. Pouco cuidadoso também seria apreciar o conjunto de seu trabalho enquadrando-o simplesmente naquilo que se poderia denominar pensamento conservador.

Wanderley Guilherme dos Santos<sup>2</sup> aponta a especificidade da obra de Vianna, principalmente na sua oposição à trajetória atribulada do liberalismo ou do pensamento liberal na primeira república,

<sup>1</sup> A este respeito comenta: “Nas zonas agrícolas do meio-dia, porém, nas planícies fluminenses, nos platôs paulistas, nas serras e campos de Minas, esses governadores geraes, com imperio sobre todo o paiz; esses capitães-geraes, regendo capitánias vastíssimas; esses vice-Reis impotentes dos últimos tempos coloniais; toda essa numerosa burocracia de ouvidores, juizes-de-fora, capitães-mores, dizimeiros, cobradores da casa do conto, inspetores de minas, comandantes d’armas, que a metropole organiza com intuitos meramente artificiais, postíças, justapostas; não reflectem, de modo algum, a sociedade centro-meridional, na sua estrutura interior e específica. Por isso mesmo, somente com repugnancia é que essa complexa organização administrativa é aceita pela classe dos grandes senhores ruraes.” Vianna, *Populações*, p.352

<sup>2</sup> Santos, W.G. “A Praxis Liberal no Brasil; Proposta para Reflexão e Pesquisa” (1974) em *Ordem Burguesa e Liberalismo Político*, São Paulo: Duas Cidades, 1978.

enquadrando-o naquilo que denomina “autoritarismo instrumental”.

Para Vianna, que apontava as debilidades das instituições e a ausência de uma sociedade liberal, o liberalismo somente poderia ser alçado na presença de um estado forte, que pudesse romper com os elos da sociedade familiar, dominante em nosso meio.

Mesmo considerado conservador em seus postulados e conclusões, a pertinência das investigações de Vianna configurara-se como um marco referencial dos estudos sobre o caráter e a cultura brasileira.

A obra de Vianna desperta ainda hoje muita polêmica e, até certo ponto, críticas brutais e avassaladoras, como a de Dante Moreira Leite, no seu “O caráter nacional brasileiro”<sup>3</sup>, obra demolidora em seus pressupostos e, além disso, preconceituosa em suas conclusões.

Ao recuperar o debate sobre o caráter nacional, que envolveu pensadores expressivos do meio intelectual e acadêmico brasileiro, desde o início da República até os anos 50, temos que estabelecer um sentido comparativo entre a trajetória intelectual do pensamento modernizador brasileiro em suas variantes e o desenvolvimento das sociedades ocidentais mais bem sucedidas, do ponto de vista econômico e da democracia. E aqui nos encontramos novamente diante da questão suscitada pela história americana, enquanto paradigma de questões dessa natureza.

Para além das críticas de Moreira Leite, dirigidas a Vianna, no capítulo intitulado “As Raças e os Mitos”, onde a atenção às falhas metodológicas e à precariedade das fontes históricas tem procedência, sob certos aspectos, suas exigências desconsideram um dado fundamental na obra de Vianna, que é justamente o alcance culturalista de sua história, sobretudo do seu pioneirismo nessa matéria, reconhecida em autores mais contemporâneos, como Sérgio Buarque, Morse, Freire, Viana Moog, entre outros.

Em sua perspectiva, Vianna pretende buscar elementos permanentes em nossa cultura, constitutivos de nossa formação. Ao contrapor os elementos da vida rural, seus ajustes e caracteres, à modernidade da vida urbana que, no Brasil, limitou-se à faixa litorânea, voltada para o mundo europeu e suas metrópoles, Vianna o fez vinculando dois aspectos importantes dessa formação, que se traduzem justamente pela dicotomia entre o que poderíamos distinguir como sendo a relação entre os

elementos pré-capitalistas e os elementos capitalistas que tencionaram essa formação.

Antônio Carlos Dória<sup>4</sup>, ao abordar alguns aspectos da obra de Oliveira Vianna, também enfatiza essa questão fundamental, especialmente a *dos aspectos recorrentes das relações pré-capitalistas em nossa formação enquanto povo*, relevando desta feita aquilo que Vianna consideraria como sendo a *dinâmica do desaparecimento e reaparecimento deste arcabouço da vida societária*.

Vianna, ao se ater àquele mundo em que o escravismo não foi dominante, revela-nos um mundo em que, segundo Dória, *homens livres e pobres plasaram uma sociedade singular, que, contudo, deixou poucos registros em nossa história conhecida*.

Vianna foi intelectual atento a esta lacuna historiográfica e consciente da necessidade de superá-la se desejarmos nos aproximar do “país real”, cujo peso em nossa história parece distanciar-nos em definitivo do ideal modernizante que o industrialismo traz em seu bojo<sup>5</sup>.

Seu engajamento entre as fileiras do ruralismo, em última análise, derivou da sua atenção especial ao campo, no qual percebia o sentido originário do nosso próprio *ethos* nacional.

*Matrizes da nacionalidade, dellas, do seu espírito, da sua laboriosidade, seu affluxo humano, e que vivem as cidades do hinterland ou da costa, e crescem, e se desenvolvem. Silenciosa, obscura, subterranea a sua influencia hoje é, no passado, principalmente nos trez primeiros seculos poderosa, incontestável, decisiva<sup>6</sup>.*

A perspectiva do ruralismo, em Oliveira Vianna, encontraria comparação e uma certa similitude com a obra de Turner, quando vinculada às características fundantes e à insistência de sua permanência em nossa formação histórica, porém divergentes quanto às possibilidades concretas do surgimento e do desenvolvimento do espírito democrático.

No entanto, justamente nas profundezas do mundo rural, onde a definição de fronteira concretiza sua real substância, é que tanto Vianna como Turner encontraram os argumentos para suas respectivas teses. Foi essa substância que para um engendrou o republicanismo oligárquico e para outro determinou a radicalidade da democracia individualista<sup>7</sup>.

<sup>3</sup> Leite, D.M. O Caráter Nacional Brasileiro. História de Uma Ideologia. São Paulo: Editora Ática, 5. edição, 1992.

<sup>4</sup> Dória, A.C. O pré-capitalismo na formação do povo brasileiro. In: Bastos, É.R.; Moraes, J.Q. de. (Orgs.) *O pensamento de Oliveira Vianna*. São Paulo, Editora da Unicamp, 1993, p.216-217.

<sup>5</sup> *Op. cit.* Dória p. 217.

<sup>6</sup> Vianna. *Populações Meridionais*. p. 25-26.

<sup>7</sup> O mundo rural aparece preponderante como marca definidora do caráter nacional em Turner, tipificado na figura do colonizador pioneiro, desvinculado sobretudo dos aspectos da vida e das normas cidadinas, e também caracterizado por uma profunda relutância a quaisquer formas de normatizações estatais. No

Para Vianna, contrariamente ao que se observou na América, a perpetuação dos signos de nosso ruralismo constitui um obstáculo concreto à edificação da democracia. Para ele, o reverter dessa realidade teria como exigência a consideração dessa nossa especificidade histórica, exigindo soluções e procedimentos originais, que levassem em conta essa especificidade.

Nesse sentido, a comparação com a trajetória americana ressaltaria dois aspectos fundamentais em Vianna: o primeiro, de caráter biológico-cultural, produziu no mundo atual a superioridade econômica dos anglo-saxões, e o outro, de caráter histórico, foi o que condicionou, segundo ele, a ação permanente do passado sobre o presente.

*Nós não somos senão uma coleção de almas, que nos vêm do infinito do tempo (...) O passado vive em nós, latente, obscuro, nas células de nosso subconsciente. Ele é que nos dirige ainda hoje com a sua influência invisível, mas inelutável e fatal<sup>8</sup>.*

Embora revistas no final de sua vida, as considerações raciais ou de natureza biológico-cultural continham equívocos de que, no conjunto de sua obra, não lhe foi possível desvincular, sendo alvo preferencial das críticas a ele dirigidas.

Apesar desse dado, diz Dória:

*Vianna praticamente destruiu o monolitismo e a homogeneidade implícitos no conceito de nação, para deixar aflorar uma multiplicidade de configurações socio-econômicas e culturais que o obrigaram, no processo de investigação, a recorrer à história regional como fonte esclarecedora de microrrealidades expressivas para a compreensão do todo<sup>9</sup>.*

## Bandeirantes e Pioneiros

A análise da noção de fronteira em movimento, pertinentemente abordada por Otávio Guilherme Velho (1979), constitui um dos poucos e originais trabalhos que se ocuparam da colonização do hinterland, adotando como premissa uma perspectiva comparada, no caso, ao enfocar dois processos diferentes: o americano e o brasileiro.

Para Velho, o interesse comparativo, em particular por parte dos brasileiros, decorre, dentre outras razões, dos traços comuns entre os dois países: longevidade histórica, extensão territorial, o fato de pertencerem ao novo mundo e, a mais óbvia de todas, o grande distanciamento econômico e material, que se traduz pelo grande desenvolvimento econômico americano e o relativo atraso brasileiro.

Para realizar essa comparação, em seu capítulo segundo, intitulado “O desenvolvimento capitalista e a fronteira nos Estados Unidos”, Velho discorre sobre os postulados principais da tese de Turner que, segundo ele, são praticamente ignorados no Brasil<sup>10</sup>, contrapondo-os ao então clássico trabalho de Vianna Moog, “Bandeirantes e Pioneiros”<sup>11</sup>, que, partindo do processo de colonização dos dois países, destringe as diferenças e as peculiaridades não apenas no âmbito socioeconômico, mas, principalmente, no plano das chamadas *mentalidades*.

Esse, sem dúvida, é o ponto fundamental da tese de Moog, cujo mote acerca do processo expansivo da fronteira se encontra no campo das motivações e dos objetivos. Para ele, o interesse dos brasileiros (lê-se lusos, também) estava justamente na promessa do enriquecimento rápido, sem maiores dispêndios de energias e de investimentos, e na adaptabilidade às forças centrífugas da terra.

O colonizador, no Brasil, via com enorme desprezo o empreendimento que se baseava em trabalho físico ou no estabelecimento em ocupações urbanas ou rurais que envolvessem tarefas inadequadas, segundo a visão aristocrática, aos homens livres e brancos, ou que fossem degradantes à sua condição. Enquanto isso, as dificuldades enfrentadas pelos colonizadores ingleses manifestavam-se de maneira justamente oposta, pois, em sua natureza, buscavam estes constituir e consolidar seus lares e construir uma nova vida, contando com as próprias forças ou instituindo novas formas de solidariedade, a grosso modo, motivados pela moral e pela ética puritanas.

No entanto, os pressupostos e as argumentações de Moog não convergem para a temática central de Turner, no que se refere ao papel da fronteira, sobretudo determinante como condicionante dessas motivações. Poderíamos afirmar que esse papel preponderante, se é que pode ser assim entendido, possui maior influência ou, pelo menos,

caso de Oliveira Vianna, essa perspectiva ruralizante traduzir-se-á pela perpetuação dos valores nobiliárquicos da aristocracia na medida em que ela se interioriza mais e mais. O domínio da propriedade rural, desde os primórdios de nossa colonização portuguesa, prezou sempre pela opulência de seus solares e sedes. O proprietário, herdeiro muitas vezes, segundo Vianna, de uma tradição aristocrática lusitana e ibérica, tendeu a perpetuar a natureza de sua nobiliarquia, ao longo de sua hereditariedade. Encontramo-nos, assim, diante de duas abordagens distintas acerca do meio rural (lê-se também mundo da fronteira), de naturezas diversas, uma de sentido transformador e a outra de natureza conservativa.

<sup>8</sup> Vianna. Populações Meridionais. p. 15-16.

<sup>9</sup> *Op. cit.* Dória, p. 222.

<sup>10</sup> Exceção feita, segundo Velho, à Maria Yedda L. Linhares (1959), algumas curtas referências em Sérgio Buarque de Holanda (1957) e espalhadas pela obra de Gilberto Freyre. In: Velho, Otávio Guilherme. Capitalismo Autoritário e Campesinato. São Paulo: Difel, 1979, p. 15.

<sup>11</sup> Moog, V. Bandeirantes e Pioneiros. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

um destacado papel em Sérgio Buarque, que percebe, nas condições impostas por aquela natureza selvagem dos sertões brasileiros, o sentido de adaptabilidade do colonizador aos conhecimentos, às práticas e ao modo de vida dos dominados (lê-se silvícolas).

Segundo Velho, o maior problema da assimilação, por parte dos *scholars* brasileiros com relação à tese de Turner, é que essa, em suas prerrogativas, pretendia-se transcultural e trans-histórica, na medida em que era entendida como uma fase num processo geral de evolução. Assim o percebeu Turner, no desenvolvimento da sociedade americana.

Desse modo, o significado da fronteira na história deveria também ser observado em outras sociedades onde esse fenômeno se fizesse presente. Nesse sentido, a não restrição do papel da fronteira à formação particular da história americana pulverizaria, de certo modo, qualquer tentativa de condicionar as grandes diferenças socioeconômicas entre os dois países apenas por questões de natureza cultural ou histórica.

De um modo geral, a análise comparativa efetuada por Moog revela um modo acentuadamente entusiástico pela experiência americana e pelo caráter geral do seu tipo humano. Embora seu estudo busque motivações teóricas em Weber, suas observações são idealizações por vezes exageradas do perfil médio desse americano, e pouco realistas em sua comprovação histórica. Quando efetua sua crítica ao estilo e ao modo de vida dos brasileiros, a quem denomina pejorativamente de mazombos, fá-lo de modo muitas vezes implacável.

Se, de um lado, nos dois primeiros capítulos, ele busca esclarecer o leitor sobre os equívocos e os inomináveis erros dos autores racistas e sobre o determinismo geográfico<sup>12</sup>, para se construir uma

tese sobre o desenvolvimento da colonização americana, em contrapartida à brasileira, nos capítulos posteriores, acaba por incidir num erro talvez mais lamentável, ao tratar supostos aspectos culturais como determinantes históricos, tecendo generalizações a partir do suposto perfil calvinista, preponderante e motivador das capacidades inventivas e da vocação ao progresso, traço que se tornou distintivo do povo americano.

Motivado por esse fato, Moog procura convencer-se da justificativa mais importante e impulsionadora do extraordinário desenvolvimento americano. Segundo ele, *colonizadores puritanos e calvinistas não apenas abriram mão de suas tradições européias, mas o fizeram voltando-se as costas para o seu passado*<sup>13</sup>.

Para ele, a ausência desse desprendimento dos laços europeus foi o que, em última análise, impossibilitou o florescimento de um espírito de nacionalidade nos brasileiros e, conseqüentemente, impossibilitou seu progresso. À busca de riquezas fáceis, traduzida pela imagem do conquistador que explora e nada pragmaticamente constrói, a este espírito, na perspectiva de Moog, devemos a formação desse nosso mazombo.

Embora ao fazer suas comparações, principalmente quando transcreve o perfil nacional, faça-o, sob certos aspectos, de forma convincente, Moog acaba, por força de seu entusiasmo pela sociedade americana, estabelecendo uma espécie de julgamento histórico-cultural, construindo tipos ideais de motivações e de comportamentos, contraditoriamente à constatação que faz das aventuras e tentativas fracassadas de colonização e de povoamento, efetivadas pelos seus calvinistas e congêneres anglo-saxões, nas zonas tropicais do continente americano. Apesar dessas condicionantes, que invariavelmente encontramos no texto de Moog, e das implicações políticas que motivaram seu raciocínio, devemos reconhecer a perspicácia do seu trabalho, sobretudo pela capacidade argumentativa, pela organização e pelo arranjo das informações documentais e factuais de que dispõe, invejável, quantitativa e qualitativamente.

Sua importância para o estudo da fronteira, enquanto fenômeno histórico, reside no fato de que, ao enfatizar sob uma perspectiva comparada as motivações que envolveram dois modos de colonização e ocupação das terras no continente americano, de maneiras tão distintas e sob certos aspectos diametralmente opostas, contribuiu para a

<sup>12</sup> Moog desenvolve uma comparação entre os aspectos físico e geográfico dos dois países, apontando a relativa facilidade da ocupação pelos americanos de seu território, considerando a ausência de grandes obstáculos físicos, a abundante hidrografia e sua navegabilidade, importante elemento de integração regional e caminho às regiões interioranas, sem contar a adaptabilidade ao clima. Esses fatores, praticamente ausentes no Brasil, dão mostras das dificuldades iniciais enfrentadas por nossas populações originárias, a começar pela grande muralha que se ergue nas proximidades do nosso litoral, a densa mata e as intempéries climáticas dos trópicos, que impuseram aos nossos desbravadores numerosas agonias e prejuízos nessas investidas pelos caminhos fronteiriços. Essas argumentações, sob certos aspectos, visam responder à visão que percebe as diferenças econômicas e sociais entre as duas nações através das teorias raciais e, no que tange à geografia, dos trópicos, que, sem dúvida, também devem ser consideradas. Não parece ter havido maior sucesso quando das experiências anglo-saxônicas de colonização nessas regiões, ao contrário do caminho trilhado pelos lusos e brasileiros. Moog, ao reconhecer as inúmeras dificuldades com relação à ocupação do interior através dos antigos caminhos, fá-lo perseguindo os passos das narrativas e dos estudos de Capistrano de Abreu e, sob certos

aspectos, de Sérgio Buarque, sem, é claro, a sutileza deste último.

<sup>13</sup> Moog. *op. cit.*, p. 184 e 185.

discussão sobre o sentido conservador e reprodutivo das estruturas de dominação, tão consolidadas em nosso campo, buscando, dessa maneira, reconstituir os aspectos genéticos desse processo.

### Caminhos e fronteiras

*A tentativa de implantação da cultura européia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em conseqüências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas idéias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem.*

*Assim, antes de perguntar até que ponto poderá alcançar bom êxito a tentativa, caberia averiguar até onde temos podido representar aquelas formas de convívio, instituições e idéias de que somos herdeiros<sup>14</sup>.*

Esse trecho introdutório do livro *Raízes do Brasil*, cuja primeira edição data de 1936, traduz sobremaneira a perspectiva histórica da obra de Sérgio Buarque de Holanda.

Seu trabalho é original, não apenas pela independência em relação ao forte legado positivista predominante até aquele momento, mas por ter trazido consigo novos elementos e novas inquietações sobre nossa formação social, desprezidos daqueles antigos preconceitos, com relação principalmente às culturas subjugadas e subalternas no processo de colonização do Brasil.

Esse primeiro trabalho constituiria a base de suas investigações futuras, corporificadas nos livros “*Monções*”, de 1945, e “*Caminhos e Fronteiras*”, de 1956, cujo foco central encontra-se nos elementos constitutivos de nossa formação cultural, ambientados nas vastidões do interior do Brasil.

Foi considerando as condições singulares da sociedade e da natureza das populações de Piratininga que Sérgio Buarque encontrou a substância de seu instigante projeto. Nessas condições excepcionais, percebeu o forte caráter adaptativo em que se impuseram os adventícios no processo de ocupação do interior do Brasil, valendo-

se do contato com as técnicas e os conhecimentos silvícolas.

A penetração e a ocupação do interior, tanto pelas Bandeiras como posteriormente pelo movimento das Monções, dependeram muito mais da adaptabilidade dos adventícios aos conhecimentos aqui adquiridos e disputados com as culturas locais do que propriamente daquilo que traziam da Europa.

São suas palavras:

*A ação colonizadora realiza-se, aqui, por uma contínua adaptação a condições específicas do meio americano. Por isso mesmo não se enrija logo em formas inflexíveis. Retrocede, ao contrário, a padrões primitivos e rudes.*

*...com a consistência do couro, não a do ferro ou do bronze, dobrando-se, ajustando-se, amoldando-se a todas as asperezas do meio<sup>15</sup>.*

As condições encontradas na capitania de Martim Afonso, muito diversas da riqueza agrária do litoral nordestino, eram desfavoráveis, portanto, a uma existência sedentária que, segundo ele, mantinha os colonizadores por longo tempo *numa situação de instabilidade ou imaturidade, que deixa maior intercurso dos adventícios com a população nativa*. Estaria nessas condições o sentido de sua vocação, no caminho que convida ao movimento.

Para Sérgio Buarque, essa vocação que convida ao movimento sem dúvida também condicionou a situação envolvida na idéia de “fronteira”, cuja conceituação engloba o conjunto das paisagens, populações, hábitos, instituições, técnicas e, até mesmo, idiomas heterogêneos presentes nessa realidade que, esbatendo-se constantemente, propiciou novas formações (*mistas e simbióticas*) em que, por exemplo, ao indígena teria sido atribuído um papel absolutamente preponderante.

Essa noção é contrária à que se consagrou na historiografia moderna americana a partir de Turner, para quem o rebaixamento ao estado primitivo, em que eventualmente se viu o colonizador anglo-saxão, deu-se por contingências locais e de um modo transitório, com vistas à promessa futura de abundância e progresso. No Brasil, esse rebaixamento não apenas foi condicionado pelas circunstâncias locais, mas fez-se a partir da influência nativa, condição necessária à exploração e ao domínio da terra.

Os traços dessa influência e mesmo da constituição de uma nova forma de instituição se converteram em traço marcante de nossa civilização.

<sup>14</sup> Holanda, S.B. *Raízes do Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, 26.ed., 1995, p.31.

<sup>15</sup> Holanda, S.B. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo: Cia das Letras, 3.ed. 1994, p. 10.

Para além das características específicas desses diferentes processos, o fato é que essa conversão dos adventícios do planalto de Piratininga se fez às custas da posse destas vastidões do oeste e da conquista de riquezas, seja visando aos preciosos metais, seja ao preço dos escravos da terra. Também nesse sentido, a comparação das respectivas noções de fronteira seriam encontradas no campo das motivações e das tradições trazidas da Europa.

Quando comenta a atração exercida pela conquista dos produtos ambicionados, como as especiarias e os metais preciosos, tanto entre lusos, quando estes se voltaram para o Oriente, quanto entre paulistas, quando esses se dirigiram para Cuiabá, atraídos pelas jazidas descobertas, Sérgio Buarque traça uma espécie de paralelismo, cujo alcance se encontra na herança da tradição portuguesa. Porém, os herdeiros dessa tradição, ao se lançarem a tais aventuras, não o fizeram sem nenhuma moldagem ou assimilação, mas adaptando-se às novas realidades e às condições do meio.

A dimensão culturalista de seu trabalho, podendo ser assim caracterizada, não possui determinantes em si, sejam culturais, sociais ou geográficos, mas um mosaico de fatores interagindo dinamicamente. Talvez esse aspecto constitua o mais distintivo do seu pensamento.

De uma forma bastante sintetizada, seu trabalho desenvolve-se a partir das seguintes premissas quanto à constituição da nossa formação:

- o caráter individualista que valorizava o mérito e a responsabilidade pessoais se contrapôs ao espírito associativo tão comum aos protestantes, particularmente aos calvinistas (Raízes, p. 37 38);
- o que o português vinha buscar era sem dúvida a riqueza, mas riqueza que custa ousadia, não a riqueza que custa trabalho (Raízes, p.49);
- pode-se dizer que, com poucas exceções, onde o europeu adotou entre nós algum produto ou técnica indígena associados a métodos plenamente desenvolvidos para seu aproveitamento, adotou também esses métodos abstendo-se de modificá-los (Caminhos, p.172);
- essa exploração dos trópicos não se processou, em verdade, por um empreendimento metódico e racional, não emanou de uma vontade construtora e enérgica: fez-se, antes, com desleixo e certo abandono. Dir-se-ia mesmo que se fez apesar de seus autores (Raízes, p. 43);

- nessa exploração, a técnica européia serviu apenas para fazer ainda mais devastadores os métodos rudimentares de que se valia o indígena em suas plantações (Raízes, p.49);
- poderemos ensaiar a organização de nossa desordem segundo esquemas sábios e de virtude provada, mas há de se restar um mundo de essências mais íntimas, que permanecerá sempre inato, irredutível e desdenhoso das invenções humanas. Querer ignorar esse mundo será renunciar ao nosso próprio ritmo espontâneo, à lei do fluxo e do refluxo, por um compasso mecânico e por uma harmonia falsa. (Raízes, p.188).

Crítico voraz das nossas mazelas, mas reconhecedor das virtudes deste fabuloso cadinho cultural e humano, de uma história, ainda que inglória, foi buscar nas vastidões interioranas e nas gentes paulistas o sentido de nossa formação, cuja a fronteira em movimento se converteu no seu *leitmotiv*, difundindo-se e disseminando-se como um traço *sui generis*.

Sua perspicaz visão histórica possuía a dimensão dos grandes eventos e da longa duração. Ao definir o papel das Monções e sua relação com o fenômeno da fronteira historicamente constituída, assim escreveu:

*As monções representam, em realidade, uma das expressões nítidas daquela força expansiva que parece ter sido uma constante histórica da gente paulista e que se revela, mais remotamente nas bandeiras, força que depois impeliria pelos caminhos do sul os tropeiros de gado, e que, já em nossos dias, iria determinar o avanço progressivo da civilização do café<sup>16</sup>.*

Em se tomando como verdadeiras as premissas de Turner sobre a influência e o papel exercido pela fronteira na formação do caráter americano, cujo sentido de ruptura com as antigas tradições européias e cujo alcance constitutivo da liberdade e da radicalidade democrática encontraram terreno fértil, podemos talvez apontar que esses mesmos pressupostos tiveram sentido inverso na formação brasileira. Sob certos aspectos, elas serviram como modo de conservação e de reprodução das nossas estruturas oligárquicas e autoritárias, heranças das nossas tradições ibéricas. Em ambos os casos, a expansão da fronteira enquanto fenômeno histórico foi sinônimo de guerra, travada entre civilizações, palco de etnocídios e de mudanças ambientais sem precedentes históricos, sobretudo pela sua amplitude num intervalo de tempo relativamente curto. Em nosso caso, isso se deu principalmente pelo rastro desolador de uma paisagem monótona, entre ciclos

<sup>16</sup> Holanda. *op. cit.*, p.135.

de breve prosperidade, com relação a localidades que surgiram e que desapareceram com a mesma rapidez. De cidades inteiras que nasceram sob a sina da decadência e do devastador domínio adventício sobre a natureza.

### Referências bibliográficas

- Bastos, E.R.; Moraes, J.Q. de. (Orgs.) *O pensamento de Oliveira Vianna*. Campinas: Unicamp, 1993.
- Dória, C.A. *Ensaio enveredados*. São Paulo: Siciliano, 1991.
- Gerhard, D. *The frontier in comparative view*. Washington D.C.: Comparative Studies in Society and History, 1958-59. v.1.
- Hennessy, A. *The frontier in latin american history*. London: Edward Arnold, 1978.
- Holanda, S.B. *Visão do paraíso*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- Holanda, S.B. *Caminhos e fronteiras*. 3.ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- Holanda, S.B. *Monções*. 3.ed. ampl. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- Holanda, S.B. *Raízes do Brasil*. 26.ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- Leite, D.M. *O Caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1992.
- Moog, V. *Bandeirantes e pioneiros*. 10.ed. Porto Alegre: Globo, 1973.
- Potter, D.M. *A Riqueza econômica e os seus efeitos*. Lisboa: Fundo de Cultura, 1965.
- Santos, W.G. *A Praxes liberal no Brasil: proposta para reflexão e pesquisa (1974) em ordem burguesa e liberalismo político*. São Paulo: Duas Cidades, 1978
- Turner, F.J. *The frontier in american history*. New York: Henry Holt and Company, 1920.
- Velho, O.G. *Capitalismo autoritário e campesinato: um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento*. 2.ed. Rio de Janeiro: Difel, 1979.
- Vianna, O. *Populações meridionais do Brasil: história - organização - psicologia*. Populações Rurais do Centro-Sul. 3.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.
- Zientara, B. *Fronteira*. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989. v.14.

Received on October 27, 1998.

Accepted on February 24, 1999.